



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A OBRA DE GEORGES OHNET EM FOLHETINS BRASILEIROS

ROSE ROCHA DOS SANTOS

RIO DE JANEIRO

2021

ROSE ROCHA DOS SANTOS

A OBRA DE GEORGES OHNET EM FOLHETINS BRASILEIROS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação Português/
Francês.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina

RIO DE JANEIRO

2021

Santos, Rose Rocha

A obra de Georges Ohnet em folhetins brasileiros/Rose Rocha dos Santos. – 2021.

(total de folhas) f.

Orientador: Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina.
Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Francês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 95-97.

1. Assunto (palavra-chave). 2. Assunto (assunto específico). I Santos/ Rose II - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, (2021) III. Título (não precisa transcrever o título).

CDD

FOLHA DE AVALIAÇÃO

ROSE ROCHA DOS SANTOS

DRE: 117044731

A OBRA DE GEORGES OHNET EM FOLHETINS BRASILEIROS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Francês.

Data de avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

NOTA: _____

Orientador: Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina – Presidente da Banca Examinadora
Prof. Dr. da Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: _____

Marília Santanna Villar
Profa. Dra. da Universidade Federal do Rio de Janeiro

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores: _____

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. GEORGES OHNET E SUA OBRA NO BRASIL	9
3. O FOLHETIM	14
3.1. Transição: de espaço de crítica à publicação de literatura	15
3.2. Romance-folhetim e romance popular	16
4. A RECEPÇÃO BRASILEIRA DA OBRA DE OHNET EM FOLHETIM	18
4.1. Ohnet: sucesso de publicação em jornais brasileiros	19
4.2. Enredo e características da escrita de Ohnet	23
5. CONCLUSÃO	28
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1. INTRODUÇÃO

O escritor francês Georges Ohnet (1848-1918), hoje praticamente desconhecido, teve muitas de suas obras traduzidas e difundidas em todo o Brasil nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, tanto em formato de livro como em folhetins publicados em jornais. A penetração de sua obra em território brasileiro torna evidente a importância deste estudo, cujo objetivo consiste em entender a popularidade desse autor e o alcance de sua obra no Brasil.

A metodologia empregada em estudo de fontes primárias partiu da recolha de ocorrências do nome do escritor e das aparições de sua obra em periódicos brasileiros, além de um jornal português, três italianos e um francês, publicados no Brasil e disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Selecionado primeiramente o local, foi possível realizar a busca pelo sobrenome do autor, de acordo com os estados (ou províncias) e o período selecionado.

Ainda que o “longo século XIX” se encerre em 1914, de acordo com a perspectiva do historiador Eric Hobsbawm (HOBSBAWN, 1988, p. 19), pesquisamos o período entre 1880 e 1919 levando em consideração as categorias da hemeroteca, que se dividem por décadas, já que o primeiro romance de Ohnet surgiu em 1881 e o autor faleceu em 1918.

Cabe dizer que não se mostrou produtivo procurar pelo nome completo do autor (“Georges Ohnet”) pois era comum encontrar variações da grafia, como “Jorge Ohnet”, “George Ohnet”, em vez de Georges Ohnet. Ao buscarmos apenas pelo sobrenome, conseguimos aumentar a abrangência da pesquisa, cujos resultados se organizam, inicialmente, através de uma lista de ocorrências, divididas por estados e periódicos. Então, realizou-se a catalogação das ocorrências, salvando-se os dados em uma planilha e a imagem em uma pasta, de acordo com as seguintes categorias de organização: anúncios, menção, citação, literatura, crítica, obituário, notícias e curiosidades.

Organizamos assim as informações obtidas a partir das imagens em uma planilha Excel, muito funcional para a realização de somatório das ocorrências de forma automática, incorrendo em menor probabilidade de erros, devido à diminuição de manipulação pessoal dos dados. Através dessa planilha, pudemos obter tabelas e gráficos que nos auxiliaram a visualizar as diversas possibilidades de interpretação das ocorrências obtidas.

Algumas informações importantes na recolha de dados são o período, que é relativo às décadas estratificadas no site da Hemeroteca, o estado/a província, o nome do periódico e seu subtítulo, que diz respeito ao texto localizado abaixo do título do jornal, que muitas vezes inclui o posicionamento político de seus diretores, como no caso do periódico *A República*, do estado

do Paraná, cujo subtítulo era “Órgão do Partido Republicano Federal”. Também deve-se atentar para o campo “cidade”, pois muitas vezes a cidade possuía um nome diferente no século XIX, como o caso de Florianópolis, que, em sua fundação, foi chamada de Desterro, em homenagem à Nossa Senhora do Desterro mas, em 1894, teve seu nome modificado para Florianópolis devido ao então presidente do país, Floriano Peixoto. Já a página da ocorrência no jornal auxilia na identificação de sua importância: folhetins geralmente eram publicados na página 2, mas, por vezes, apareciam (ou pelo menos o anunciavam) na primeira página. Anúncios de peças e filmes geralmente eram publicados na última página.

Após o recolhimento dos dados do periódico, analisamos o tipo de ocorrência, especificamente, isto é, se corresponde a anúncio, menção, citação, literatura, crítica, obituário, notícias ou curiosidades. Anúncios podem ser de livros, filmes, peças, doação para bibliotecas, leilão ou mesmo anúncio de publicação de um folhetim no próprio jornal. Também identificamos a obra original e sua edição brasileira, se houver. Assim, podemos apurar que obras foram as mais lidas ou comentadas e se aparecem em sua versão francesa, brasileira ou em outro idioma. Outro dado importante para a pesquisa é a data da primeira edição de uma obra, que, ao compararmos com a data da ocorrência, nos permite observar a rapidez com que as obras chegavam ao Brasil, muitas vezes já traduzidas. Por exemplo, no periódico *A Época*, do Rio de Janeiro, de 22/04/1888, encontramos um anúncio de doação para a biblioteca do próprio jornal do romance *Vontade*, tradução de *Volonté*, cuja primeira edição data do mesmo ano. Estes dados ajudam a entender a circulação de bens culturais entre os continentes e países, e a refutar a ideia de que as obras demoravam a chegar ao Brasil, que por muito tempo foi pensado por críticos ou historiadores como um país atrasado culturalmente.

Este é o método que utilizamos para obtenção e organização dos dados da pesquisa, com o qual obtivemos 8.282 ocorrências do nome de Ohnet. A partir desses dados, reunidos em categorias, pudemos formular hipóteses e elaborar conclusões temporárias ou parciais. Para isso, foi necessário apoiarmo-nos em aparato teórico-crítico sobre o assunto, para que a investigação proporcionasse resultados confiáveis.

A apresentação inicial da metodologia da pesquisa como um todo que acabamos de fazer justifica-se pelo fato que a análise quantitativa, na perspectiva da sociologia da literatura, que é a que adotamos, “esclarece certas particularidades aparentemente irreduzíveis das trajetórias literárias, das obras ou das experiências de leituras em uma configuração social dada [...] (SAPIRO, 2019, p. 11). Assim, realizando esta pesquisa em 21 estados ou províncias existentes, dependendo do período político, fomos levados a questionamentos de ordem qualitativa, ao compararmos as categorias arroladas acima, que nos levaram à majoritária relevância dos

romances seriados, o que justifica consequentemente a opção pelo estudo desta categoria na presente monografia.

Através desses dados, pudemos melhor entender a circulação e recepção das obras de Georges Ohnet no Brasil através da imprensa brasileira. Isto nos leva também a refletir sobre o alcance do romance-folhetim e seu papel no processo de construção da autonomia do campo literário (BOURDIEU, 1991) brasileiro, enquanto as pesquisas em literatura se concentram tradicionalmente na difusão literária apenas através do suporte livro, em geral acessível a camadas da população mais abastadas ou com maior acesso a instituições e bens culturais, ainda que por questões meramente geográficas – como o fato de o/a leitor/a morar na capital de sua província ou estado, ou mesmo na capital do país (durante o Império ou a República).

Logo, a partir do estudo das obras de Georges Ohnet mais difundidas em folhetim no país, nossa finalidade é também vislumbrar o gosto literário do público leitor brasileiro e traçar uma relação entre as características do romance popular (COUÉGNAS, 2008) e o momento de acolhimento de autores franceses pela imprensa brasileira, à época. Uma considerável imbricação entre romance-folhetim e romance popular é observada por estudiosos e será introduzida nesse trabalho, com o objetivo de melhor compreender o êxito de Ohnet.

Enfim, discorreremos sobre a intensa presença literária da obra de Georges Ohnet no Brasil e sua relação com a crítica. Este é um aspecto importante a ser levantado, já que a abrangência dos folhetins permitiu a democratização do romance (e da leitura), além da obtenção de maiores lucros por parte dos agentes da imprensa (MEYER, 1996, p. 83), como os proprietários dos jornais, porém nem sempre fomentou o interesse dos homens de letras.

2. GEORGES OHNET E SUA OBRA NO BRASIL

Nascido em 3 de abril de 1848, em Paris, Georges Ohnet cursou Direito, mas abandonou a carreira para seguir o jornalismo. Encontrou sua realização maior na literatura, à qual se dedicou até a sua morte, em 1918. Escreveu peças de teatro, como *Regina Carpi* (1875), que, porém, não alcançaram sucesso, levando-o a optar pelo gênero romance que, no fim dos Oitocentos, firmava-se forte e definitivamente como gênero dominante, atendendo ao gosto da burguesia, mas também àquele das classes trabalhadoras. O primeiro deles, *Serge Panine*, foi publicado em 1881 pela editora de Paul Ollendorff (1851-1920), que, em geral, se incumbia de edições “moderadamente caras” (OLIVIER-MARTIN *apud* SEILLAN, 2017, p. 2) e que Ohnet ajudou a enriquecer (BESSARD-BANQUY, 2016, p. 4). Com esse livro, inaugura-se o ciclo *Les Batailles de la Vie*, série de 34 romances publicados entre os anos de 1881 e 1914, e que inclui grandes êxitos como *Le Maître de Forges* (1882) e *La Grande Marnière* (1885).

Georges Ohnet conheceu enorme sucesso de público na França, à sua época, aparentemente sendo vendido tanto quanto Émile Zola (1840-1902). É o que se pode depreender da notícia encontrada no *Jornal do Recife* de 13 de outubro de 1891, que reproduziu, em sua segunda página, uma notícia do periódico francês *Le Figaro*:

O autor mais lido

[...] Dentre os vivos, o mais vendável é Zola. 100.000 exemplares de seus livros são vendidos anualmente; Georges Ohnet também atinge aquele algarismo, o que prova que o público pagante não prefere esta àquela escola, lendo o que lhe apraz.

O texto acima mostra, na verdade, para além da questão numérica das vendas – que se converte evidentemente em capital financeiro para autores, editores e livreiros –, uma rivalidade exacerbada, naquele momento na França, como aponta Jean-Marie Seillan (2011), entre escritores naturalistas, representados aqui por Émile Zola, e os chamados escritores idealistas, aqui vistos em Ohnet, mas que incluía também nomes como Octave Feuillet (1821-1890), Victor Cherbuliez (1829-1899) e Albert Delpit (1849-1893). A despeito das rivalidades estabelecidas no campo literário, o jornalista vê com clarividência que, para os leitores e leitoras, essas fronteiras e lutas internas pouco importavam.

Apesar do grande sucesso indicado pelo jornal, a recepção crítica da obra de Ohnet era ruim, devido a uma campanha de extensivas críticas às suas obras, liderada por Jules Lemaître (1853-1914) (LEMAÎTRE, 1885) e intensificada por outros críticos literários franceses, como por exemplo Anatole France (1844-1924), que afirmou que Ohnet estava bem abaixo do pior, como romancista (FRANCE, 1890, p. 58) e Antoine Albalat (1856-1935), que acreditava que

Ohnet teria incitado a decadência do romance idealista (ALBALAT, 1895, p. 31). Assim, o escritor era fortemente rejeitado por seus pares e homens de letras em geral, o que certamente acarretou seu esquecimento pelo público, tanto o francês quanto o brasileiro. Ohnet se diferenciava dos autores naturalistas da segunda metade do século XIX, que lograram grande projeção e reconhecimento a partir dos anos 1880, por representar sobretudo os ideais da classe burguesa e em certa medida da classe trabalhadora. Em vez de priorizar a escrita de romances que retratassem a realidade, como pareciam exigir os leitores formados no âmbito da “Civilização do Jornal” (KALIFA et alii, 2011), seus livros eram feitos para proporcionar momentos agradáveis ao leitor (e, sobretudo, às leitoras), fosse ele ou ela de qualquer classe social. Isso fomentou sua popularidade, devido à abrangência do seu leitorado, o que transforma sua obra em um vasto campo de possibilidades de estudo, porém ainda não empreendido.

Também no Brasil, Ohnet logrou sucesso em sua época, como demonstraram os dados da pesquisa que efetuamos. Ele teve muitas de suas obras traduzidas e difundidas em todo o Brasil, nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, tanto em folhetim como em volume. Seus romances também foram adaptados para os palcos e as telas, tendo circulado em diversos locais do país.

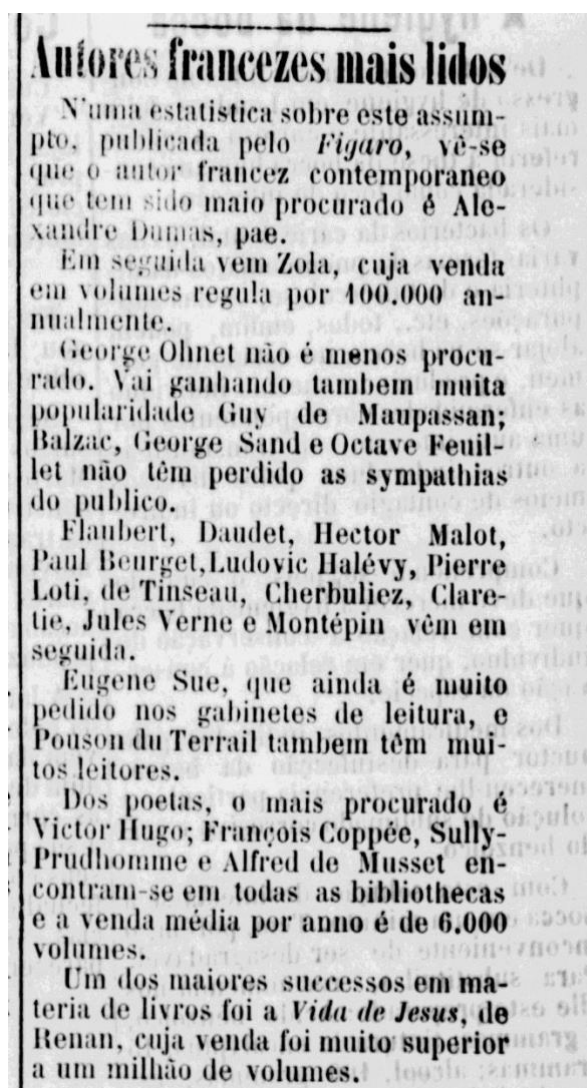
Das obras de Ohnet, encontramos ao todo 875 anúncios de adaptações teatrais que estavam sendo representadas por todo o Brasil, em cidades como Rio de Janeiro, Recife, São Paulo, São Luís, Porto Alegre, Desterro/Florianópolis, Belém, Manaus, Curitiba, Salvador, Vitória, Juiz de Fora e Ouro Preto. *Le Maître de Forges* foi a peça com mais dados revelados pela pesquisa, com 730 anúncios, ou seja, 84% do total de anúncios de peça, em que muitas vezes não constava o nome de Georges Ohnet, a exemplo da fama que alcançou este enredo, aparecendo muitas vezes com o título original em francês, no idioma italiano ou traduzido como *O Mestre de Forjas* ou *O Grande Industrial*.

Quanto aos anúncios de livro, eles perfazem um total de 1.816 ocorrências encontradas na pesquisa e estão distribuídos entre diversas capitais e cidades do interior do país. Trata-se de uma categoria de grande importância devido à sua quantidade, mas também com relação às suas traduções: encontramos anúncios de livros traduzidos para o português, para o italiano ou no idioma original, o que evidencia o fato de a popularidade de Ohnet não ser um caso isolado. Ele era conhecido por pessoas de várias nacionalidades no território brasileiro, já que temos anúncios de livros mesmo em jornais italianos; ser traduzido para outras línguas demonstra o alcance do sucesso desse escritor.

Os principais títulos anunciados são *Lise Fleuron*, com 350 anúncios e que se encontra também em italiano; *Le Maître de Forges*, com 285 anúncios e que também é campeão de

adaptações teatrais; e *Serge Panine*, com 270 anúncios. É interessante perceber que os livros que estão no pódio em publicidade não são os mesmos que encabeçam a lista de obras que mais apareceram em folhetins, porém, há a permanência do tema burguês, característico de Ohnet.

Por sua popularidade, Ohnet era citado junto a escritores naturalistas como Émile Zola (1840-1902), Alphonse Daudet (1840-1897) e Guy de Maupassant (1850-1893), apesar de, por seus temas, ser visto em oposição aos defensores dessa estética, como vimos. A notícia abaixo foi publicada em 5 de dezembro de 1891, no jornal *República* do Estado de Santa Catarina, e exemplifica esse fato, confirmando a notícia pernambucana citada anteriormente, que discorre sobre os autores mais lidos da época:



República (SC), 05/12/1891, p. 1

Outra evidência do sucesso de Georges Ohnet é o fato de que, assim como Zola, enquanto celebridade (LILTI, 2014), ele tinha suas opiniões solicitadas quanto a assuntos

cotidianos da sociedade francesa. Aparentemente, essas informações eram importantes também no Brasil, como é possível notar por uma série de citações publicadas na página 3 do *Diário de Pernambuco*, no dia 28 de agosto de 1894, em que os autores foram questionados em relação ao vinho da cidade de Champagne. Zola afirmou ser “um vinho muito agradável”, enquanto “[...] Georges Ohnet, consultado, declarou que não bebia senão água”, logo, o autor se absteve de responder à pergunta, declarando não conhecer a bebida (O VINHO, 1894, p. 3).

Além disso, o fato de haver anúncios de leilão incluindo livros tanto de Georges Ohnet como de autores naturalistas dá a ver também a pluralidade do gosto literário à época, dado que, nas estantes da família cujos bens estavam sendo leiloados, havia espaço para ambas as tendências literárias. A ocorrência abaixo ilustra essa circunstância:

Leilão de Moveis
Domingo 3 de Fevereiro
 ao meio dia
 á Rua Marechal Deodoro n. 62
 No armazem do leiloeiro
MIRANDA ROSA
 Constando de :
 2 bellos toilettes de embuia e pinho
 2 camas para casal de imbuia e pinho
 Enchergões de arame para casal
 Colchão novo para casal.
 Banheiras de zinco
 Bello Psyché de imbuia
 Etagére, mesas com estante
 Cama para criança
 Cama e colchão para solteiro
 Relogios de parede
 Superior violão
 Chapa e forno para fogão
 Diversas portas com vidraças
 Escarradeiras, bacias, gaiolas, objectos de uso domestico
 Bumbo, caixa de rufo e instrumentos de musica.
 Uma bella collecção de romances e obras litterarias e scientificas, de Eça de Queiroz, Machado de Assis, Dickens, Camillo, Chataubriand, Aluizio Azevedo, Dumas, Pinheiro Chagas, Paulo Bourget, Julio Clarette, Paulo de Koch, Escrich, Jorge Ohnet, Ibanez, Zola, Coelho Netto e outros;
TUDO SERA' VENDIDO
Ao correr do martello
 2—1

Alguns leitores, porém, comparavam suas obras, dando preferência aos romances burgueses de Ohnet, como num protesto ao triunfo do naturalismo, considerado por vezes como uma literatura imoral. A notícia abaixo, publicada pelo *Gazeta Paranaense*, em 7 de abril de 1887, evidencia o êxito de Ohnet em Paris, com seu romance *Noir et Rose*, publicado naquele mesmo ano e já com sucessivas edições, que eram consumidas rapidamente pelo público leitor. Opor a obra desse escritor ao naturalismo, enfatizando a preferência do leitorado por Ohnet, constitui um argumento essencial para o estudo mais aprofundado sobre o autor:

Georges Ohnet— O ultimo romance de Georges Ohnet intitulado *Noir et Rose* tem obtido em Paris exito extraordinario.

As edições succedem-se e esgotam-se com incrivel rapidez.

O novo romance é mais um protesto contra o naturalismo de que os parisienses parecem já enfastiados.

Gazeta Paranaense (PR), 07/04/1887, p. 3.

Além da série *Les Batailles de la Vie*, Ohnet escreveu 6 outros romances, entre eles, o conhecido *Noir et Rose*, comentado acima, e, ainda, peças, como *Le Colonel Roquebrune* (1897), e adaptações para o teatro a partir de seus próprios romances, como *La Comtesse Sarah*, por exemplo, analisada por Jules Lemaître em *Impressions de théâtre. Deuxième série* (LEMAÎTRE, 1888).

Enfim, nesta pesquisa exploratória dos periódicos publicados no Brasil, tivemos ao todo 8.282 ocorrências do nome de Ohnet e/ou de suas obras, o que o caracteriza como um autor muito presente nos periódicos do país no século XIX e início do século XX. Dentre esses dados, temos a categoria Literatura/Romance-folhetim como a mais produtiva, razão pela qual a escolhemos para nortear o panorama da obra de Ohnet neste trabalho. Foram encontrados 36 romances se considerarmos todos os tipos de ocorrência e 16 deles publicados em 58 romances-folhetins, que abordaremos aqui, visto que 3.740 ocorrências são dessa categoria.

3. O FOLHETIM

Em “A Circulação Transatlântica dos Impressos: A Globalização da Cultura no Século XIX”, de Márcia Abreu, vemos que é necessário perceber também os fatores socioeconômicos e mudanças ocorridos durante o “longo século XIX”, para melhor analisar a circulação de impressos e ideias entre Inglaterra, França, Portugal e Brasil, e a apropriação de ideias e as “práticas culturais” envolvidas nesse processo (ABREU, 2011, p. 115).

A Revolução Industrial proporcionou à Europa uma transformação econômica e tecnológica, enquanto a Revolução Francesa trouxe uma mudança ideológica, realçando a importância do cidadão e de sua educação. Posteriormente, a partir da lei Guizot de 1833, que passou a garantir escola primária para as crianças de todas as camadas sociais, e da lei Jules Ferry de 1881, que tornou a escola um local público, ampliou-se o público leitor francês, no século XIX. Assim, as inovações na indústria e o aumento do público leitor favoreceram o mercado editorial, aumentando os volumes da produção e gerando ganhos em escala (ABREU, 2011, p. 116-119).

De acordo com Márcia Abreu, o prestígio da francofonia gerou aumento do número de livros publicados e isso levou à diminuição do preço do livro, principalmente das obras de entretenimento, que agradavam a um número maior e mais variado de leitores. Para Abreu, a origem dos livros lidos no Brasil é complexa, apesar da hegemonia francesa. Isso porque vinham para cá traduções diversas, editadas em diferentes países, e não só as edições originais, o que podemos atestar pelos anúncios de livros e folhetins encontrados no Brasil no mesmo ano de seu lançamento na França. Além disso, o gosto literário de brasileiros e franceses era muito parecido (ABREU, 2011, p. 123), de onde podemos tirar o apreço pela obra de Ohnet aqui no país.

Com o impulso dos romances-folhetim intensamente publicados nos jornais de todo o Brasil desde 1838, quando há a publicação pelo *Jornal do Commercio* da obra *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, ainda na rubrica “Variedades” (GRANJA; JUNIOR, 2018, p. 36), e a crescente alfabetização nos centros urbanos, a literatura popular se expande consideravelmente, sobretudo nas últimas décadas do século XIX, atingindo cada vez mais um contingente variado de leitores. Como nos lembra Alessandra El Far (2004, p. 85-87), as obras populares não eram relacionadas a um público específico, nem eram produzidas por autores considerados de classe social desfavorecida, mas eram aquelas que recebiam tratamento editorial característico, de modo a baixar seu custo de produção e dinamizar seu consumo. Utilizando o exemplo do livro

português que, com frequência, desembarcava no Brasil, a pesquisadora afirma: “As edições de luxo foram perdendo espaço para o papel de má qualidade, a impressão pouco cuidada, o formato pequeno e a capa brochada” (EL FAR, 2004, p. 54).

Os romances de Georges Ohnet se encaixam nesse contexto da literatura popular, devido à estrutura de seu enredo e temas propostos, bem como pelo seu alcance de público através de folhetins, mas nem tanto pelas edições a baixo preço, já que, ao menos na França, a editora de Ollendorff não se caracterizava pelas brochuras de baixo custo (SEILLAN, 2017, p. 2), mas pelos livros de capa dura, com detalhes dourados e não tão baratos.

3.1. Transição: de espaço de crítica à publicação de literatura

Em sua origem na França, no início do século XIX, o folhetim era um espaço geográfico do jornal, no rodapé da primeira página, podendo aparecer na segunda. Não consistia ainda em publicação de ficção, mas era dedicado à ciência, críticas literárias, musicais ou de teatro (MOLLIER, 2018, p. 18). Através da rubrica “Variedades”, começou-se a publicar os *feuilleton-roman* (MEYER, 1996, p. 31), como eram chamados nesse início em que não eram considerados como um gênero literário.

Foi a partir de 1836, com o advento do jornal *La Presse*, fundado por Émile de Girardin (1802-1881), que a rubrica “Variedades” se tornou um espaço para lançamento de romances, com *La Vieille Fille* (1836), de Honoré de Balzac (1799-1850), sendo o primeiro texto literário publicado em jornal, tendo aparecido de 23 de outubro a 4 de novembro daquele ano (DUMASY-QUÉFFELEC in KALIFA et alii, 2011, p. 927). Ou seja, os folhetins ficcionais passaram a ser pensados para suscitar a curiosidade do público para o número seguinte. Um exemplo de romance que foi fatiado e teve seu ritmo modificado para ser publicado em jornal foi *Le Meunier d'Angibault* (1845), de Georges Sand, passando a ter 37 capítulos, em vez dos 30 originais, como mencionado por Marie-Ève Thérénthy (in KALIFA et alii, 2011, p. 1.512).

Paulatinamente, os romances deixaram de ser publicados na rubrica “Variedades” e assumiram o espaço do folhetim. A partir disso, com algumas exceções, não eram somente cortados em fatias para caber periodicamente no rodapé do jornal (MOLLIER, 2018, p. 27), mas começaram a ser produzidos especificamente como romances-folhetim, dando origem a um novo gênero estimulado pela evolução da imprensa e criticado por muitos, como o crítico Charles-Augustin Sainte-Beuve (1806-1869) em “De la littérature industrielle” (1839), artigo no qual repudia a literatura comercial. Essa literatura é volumosa, no sentido de ter grande produtividade, e lucrativa, pois proporciona uma relação literatura-dinheiro. Sainte-Beuve

afirmava desacreditar a qualidade do conteúdo desse tipo de literatura, enfatizando a necessidade da ideia de “arte pela arte” para legitimar um autor. Essa mudança determinou os enredos e escolhas da forma, como afirma Jean-Yves Mollier: “A modificação do suporte de leitura havia acarretado uma mutação radical do ‘sentido’ das obras” (MOLLIER, 2018, p. 18-19).

Com o barateamento das assinaturas dos jornais, o romance-folhetim se tornou um gênero especialmente popular, com a tendência de abarcar as camadas culturalmente não dominantes (MEYER, 1996, p. 382), com uma fórmula específica e de sucesso abrangente, principalmente após o fenômeno popular de *Les Mystères de Paris* (1842-43), de Eugène Sue (1804-1857) (MOLLIER, 2018, p. 22). Contudo, como Daniel Couégnas define em “Qu’est-ce que le roman populaire?”: o sentido do termo “popular” no espectro do romance popular (e no romance-folhetim) não corresponde à origem social dos autores, nem de seus leitores, mas sim ao sucesso editorial das obras (COUÉGNAS, 2008, p. 35).

3.2. Romance-folhetim e romance popular

Para atender ao aumento de leitores potenciais e impulsionar a venda de periódicos, houve um favorecimento da escrita romanesca, com a introdução de romances publicados em folhetim, bem como a diminuição do preço de assinatura dos jornais com Émile de Girardin, em 1836 e, mais tarde, em 1863, com o surgimento do *Petit Journal*, na época vendido a 5 centavos de franco, o equivalente a 15,50 réis no dia 2 de fevereiro de 1863, de acordo com a taxa de câmbio apresentada na página 3 do Jornal do Commercio dessa data, publicado no Rio de Janeiro. Alguns fatores facilitaram esse processo, como o desenvolvimento da alfabetização da população, como mencionado anteriormente, a melhoria na fabricação de impressos e o nascimento do vetor logístico ferroviário (COUÉGNAS, 2008, p. 38).

A partir da década de 1840, mais precisamente em 1842, com *Os Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, o romance-folhetim se consolida na França, obtendo grande popularidade. Para ter o efeito de prender a atenção do leitor, os autores adotam estratégias que mesclam o real e o imaginário, com o favorecimento da escrita romanesca, cheia de peripécias e suspense que agradam a um público amplo. É então que a história do romance-folhetim e do romance popular se confundem (COUÉGNAS, 2008, p. 52).

Quando o romance-folhetim se torna realmente um gênero, as suas características se misturam com as do texto do romance popular, que é, antes de tudo, narrativo, como afirma Daniel Couégnas (2008, p. 39) e gera a espera pelo próximo número do folhetim, que é o fator

comum que une o seu leitorado. Para Lise Dumasy-Quéffelec, o romance-folhetim é um instrumento importante para o romance popular, com as temáticas e intrigas próprias do romanesco, como a volta de personagens desaparecidos e vinganças (DUMASY-QUÉFFÉLEC in KALIFA et alii, 2011, p. 930-931), o que podemos atestar com a obra *La Grande Marnière*, de Georges Ohnet, traduzida para o folhetim como *A Vingança de Carvajan*, no jornal *Diario do Gram Pará*, em 1885.

O romance popular, como já foi mencionado anteriormente, assim como o romance-folhetim, visa abranger a maior parte do público leitor, de todas as classes sociais (EL FAR, 2004, p. 85-87; COMPÈRE, 2011, p. 7). Ele apresenta um aspecto particular em sua definição: ele não é popular no sentido de visar a um público menos abastado ou menos letrado, como se pensava no início. Ele também não adquire essa caracterização devido aos autores virem de classes menos favorecidas. Ele é “popular” porque abrange uma maior parcela da população, unida por um certo gosto, democratizando o processo de leitura, que antes era destinado somente às elites.

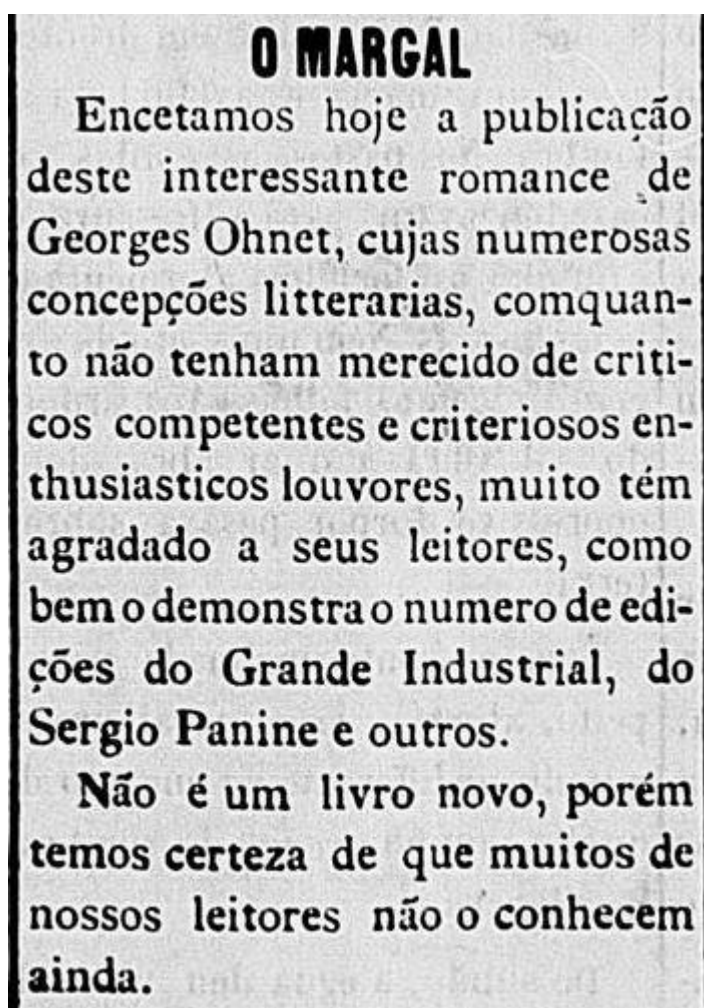
Apesar dessa larga abrangência, segundo Loïc Artiaga, logo que surgiram os primeiros romances no *rez-de-chaussée* (rodapé) dos jornais, já houve críticas tanto em relação à estética como em relação à moral (ARTIAGA, 2008, p. 117). De acordo com Artiaga, os autores eram acusados de perverter os leitores e de prejudicar a forma como literatura era feita na época, em que se reclamava de uma “feminização” do público através da leitura: “O efeito do romance é desastroso para o ‘homem de massa’ porque ele o entrega aos sonhos e paixões do ‘homem privado’, ou seja, à mulher que nele existe” (ARTIAGA, 2008, p. 119, tradução nossa). Apesar disso, o folhetim realmente mudou o modo de leitura na França e nos países em que esse fenômeno ocorreu.

De acordo com Couégnas, ao publicar tipos diferentes de folhetim, o jornal fideliza um maior número de leitores e, daí, surgem os subgêneros do romance popular: romances policiais, ficção científica, romances sentimentais (em que se encaixaria aqueles de Georges Ohnet) e romances eróticos. Esses subgêneros ditam o modo de leitura. Não se lê um romance sentimental da mesma maneira que se lê um romance policial, assim como também não se lê uma edição de luxo do mesmo modo como se lê um folhetim. Ou seja, tanto a mudança de gênero como a mudança de suporte modificaram a experiência de leitura (COUÉGNAS, 2008, p. 51; MOLLIER, 2008, p. 18). Assim, percebe-se a difícil separação entre as noções de romance popular e de romance-folhetim, pois suas origens estão estreitamente ligadas (COUÉGNAS, 2008, p. 52).

4. A RECEPÇÃO BRASILEIRA DA OBRA DE OHNET EM FOLHETIM

Como mencionado anteriormente, os folhetins de Georges Ohnet são uma categoria muito representativa na pesquisa que deu origem a este trabalho. Por isso, nesta seção, analisaremos a circulação e recepção dos folhetins de Georges Ohnet em território brasileiro, no período de 1880 a 1919, que acreditamos ter tido considerável popularidade em nosso país.

Algo que é preciso notar é a alta conta de Ohnet entre o público leitor brasileiro, ou habitando no Brasil, como vemos afirmada na ocorrência a seguir, um anúncio de folhetim publicado em Juiz de Fora (MG):



O Pharol (MG), 07/06/1887, p. 1

Assim, vemos que o que precedia Ohnet era sua reputação junto aos leitores e não o prestígio entre os pares, em consonância com o pensamento de Pierre Bourdieu sobre a presença de capital econômico (lucro gerado pelo grande consumo das obras) denunciar uma escassez de capital simbólico, que é a apreciação do artista pela sua classe e pela crítica (BOURDIEU,

1992, p. 133). Ou seja, se o autor é muito consumido, como Ohnet, a qualidade de suas obras seria duvidosa. De toda forma, é sabido que *Le Maître de Forges* atingiu, até o ano de 1898, a sua 328ª edição, 150 edições a mais que as melhores obras de Paul Bourget (1852-1935) e de Alphonse Daudet (1840-1897) (BRISSON apud SEILLAN, 2011, p. 45).

Jean-Marie Seillan, em *Le Roman Idéaliste dans le second XIX^e siècle* (2011), menciona o tratamento dado a Ohnet pela crítica literária e jornalística francesa de sua época, que o desacreditou por 30 anos e estendeu esse veto ao além-mar, como é possível notar nesse anúncio do folhetim que se inicia. Ele também reforça que a crítica universitária praticamente não reexaminou a interdição que foi imposta ao escritor pelos seus pares contemporâneos (SEILLAN, 2011, p. 121). Aqui, buscamos identificar o sucesso de Ohnet através dos folhetins, já que o escritor dificilmente era mencionado por romancistas e críticos, à época, sem que a tiragem de seus livros, a quantidade de edições e seus lucros fossem citados, pois fazer sucesso através da literatura ainda era fortemente condenável naquele momento, como decretado por Sainte-Beuve, em 1839, em “De la littérature industrielle”.

Seillan menciona o crítico Jules Lemaître como sendo, se não o principal, o primeiro crítico ferrenho de Ohnet, que começou assim a seção sobre o autor, em seu artigo “Les Contemporains”, de 1886: “tenho tanto costume de entreter meus leitores com assuntos literários que peço desculpas se hoje falo dos romances de Georges Ohnet. Se seus romances estão fora da categoria literatura (*dehors de la littérature*), talvez eles não estejam fora da história literária” (LEMAÎTRE, 1886, p. 337 apud SEILLAN, 2011, p. 121, tradução nossa).

Os dados sobre Ohnet nos periódicos publicados no Brasil de 1880 a 1919 compravam a posição de Ohnet no campo literário francês, mas atinge também outros campos literários nacionais, como o brasileiro, o que veremos a seguir.

4.1. Ohnet: sucesso de publicação em jornais brasileiros

A pesquisa da qual resulta esta monografia foi realizada em 21 estados/províncias brasileiros existentes no período examinado. No Piauí e no Rio Grande do Norte, não foram encontradas ocorrências. Como mencionado, obtivemos o resultado de 8.282 ocorrências do nome “Ohnet” e/ou de suas obras, sinalizando os romances seriados como as ocorrências mais produtivas da pesquisa, perfazendo um total de 3.740, ou seja, 45% do total de ocorrências. Na figura abaixo, vemos a distribuição desta categoria de acordo com os estados, tendo o Maranhão o maior volume de publicação diária de folhetins:

Estado ▾	Ocorrências folhetim
MA	918
RJ	779
PA	617
PE	452
CE	202
MG	175
AL	129
ES	122
PR	78
SP	65
GO	64
PB	44
BA	42
SC	32
MT	21
Total Geral	3.740

Figura 1: Total de ocorrências por estado

Dernier amour (1889) é o folhetim de maior circulação no país, com *La Grande Marnière* (1885) e *L'Âme de Pierre* (1890) estando empatados em segundo lugar. *Dernier Amour* foi publicado 10 vezes nos periódicos brasileiros, no nosso recorte temporal: três vezes no Pará (*Diário de Notícias*, *O Democrata*, *O Liberal do Pará*), duas vezes no Rio de Janeiro (*Gazeta da Tarde* e *Jornal do Commercio*), e uma vez no Maranhão (*Pacotilha*), Pernambuco (*A Província*), Minas Gerais (*O Pharol*), São Paulo (*Correio Paulistano*) e Bahia (*Diário da Bahia*). *La Grande Marnière*, por sua vez, foi encontrado 8 vezes em 7 periódicos de 6 estados. Foi publicado duas vezes em Pernambuco (*Jornal do Recife* e *Jornal Pequeno*) e Minas Gerais (*O Pharol* publicou em 1887 e republicou em 1892), e uma vez no Maranhão (*Pacotilha*), Rio de Janeiro (*Diário de Notícias*), Ceará (*Libertador*) e Pará (*Diário do Gram Pará*). *L'Âme de Pierre*, também encontrado 8 vezes nos folhetins pesquisados, aparece nos estados do Paraná (*A Republica*), Maranhão (*Pacotilha*), Paraíba (*Estado da Parahyba*), Alagoas (*Cruzeiro do Norte*), Ceará (*O Estado do Ceará*), Pará (*O Democrata*), Rio de Janeiro (*Jornal do Commercio*) e São Paulo (*Correio Paulistano*).

A escolha de tradução dos títulos destas obras varia de acordo com o jornal. Encontramos *La Grande Marnière*, traduzido principalmente como *O Margal*¹, mas também como *A vingança de Carvajan*, ou simplesmente *Carvajan*, em alusão ao protagonista. *Dernier*

¹ Margal ou margueira é um local de extração da marga, um tipo de rocha sedimentar que mistura argila e calcário.

Amour aparece nos folhetins como *Derradeiro Amor*, mas também pode ser encontrado em anúncios de livro com o título de *O Último Amor*, e *Ultimo Amore*, para a tradução do livro em italiano, anunciada no *Il Pasquino*, periódico de São Paulo idealizado “por e para a comunidade imigrante italiana paulistana” (BRASIL, 2015). Também o romance *Volonté* apresenta variações na tradução de seu título, ora sendo publicado como *Vontade*, ora como *Força de Vontade*. Por sua vez, *Noir et Rose*, junção de duas novelas de Ohnet, *Le Chant du Cygne* e *Le Malheur de Tante Ursule*, encontra-se estratificado nos folhetins, sendo vistas separadamente ou em sequência as novelas *O Canto do Cisne* ou *O Cisne*, e *A Desventura da Tia Úrsula* ou *O Desgosto da Tia Úrsula*.

No cômputo geral, constatamos um maior número de folhetins no Maranhão e no Rio de Janeiro, onde constam 11 folhetins, enquanto o estado do Pará ocupa o terceiro lugar, com 10 folhetins. Os três estados publicaram as traduções de *Dernier Amour*, *La Grande Marnière* e *L'Âme de Pierre*, que ocupam as primeiras posições dos romances seriados mais publicados no país. Dos folhetins encontrados, *Noir et Rose* é o único que não pertence à série *Les Batailles de la vie*.

Estes resultados apontam para uma descentralização importante na geografia cultural do país do Segundo Reinado e República Velha, quando se pensa o Rio de Janeiro como única capital cultural do país à época. As regiões que hoje chamamos Norte e Nordeste possuíam, no século XIX, grande participação no consumo de bens culturais e literários, através dos romances publicados em periódicos, mas também vendido em livrarias.

O gráfico abaixo sintetiza esses dados, a partir de uma análise da quantidade de publicações da obra de Ohnet em folhetins em cada região do Brasil, no período de 1880 a 1919, em que temos a Região Nordeste como responsável por 43% dos folhetins deste autor, enquanto as demais regiões se dividem entre os 57% restantes. A Região Sudeste é a segunda colocada, com 18 folhetins, ou seja, 31% dos 58 romances seriados encontrados.

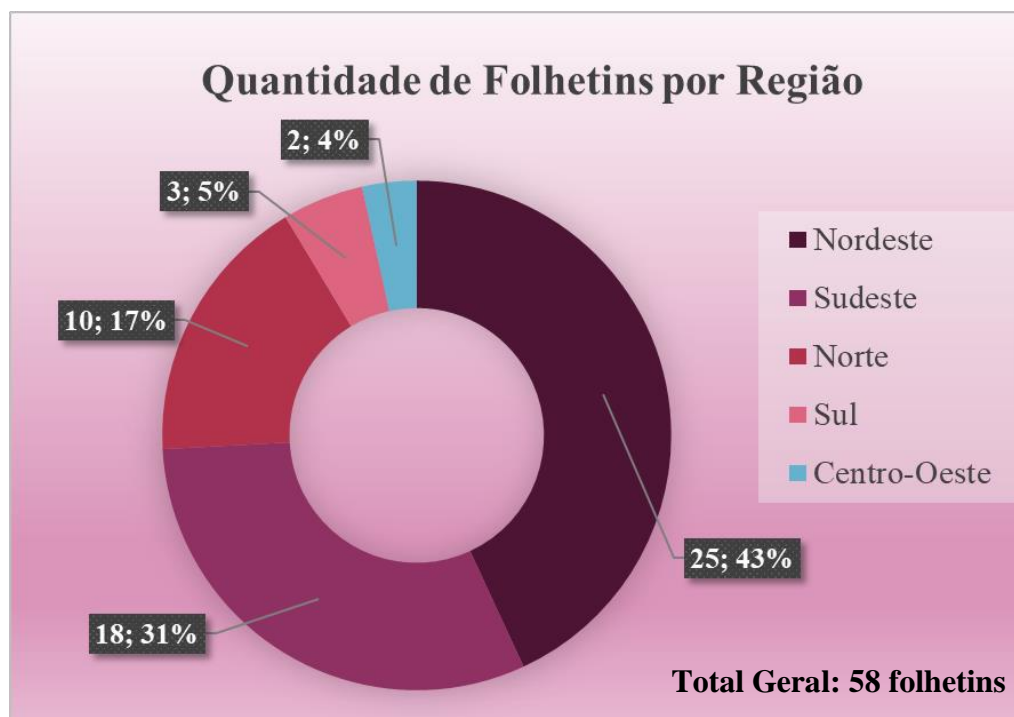


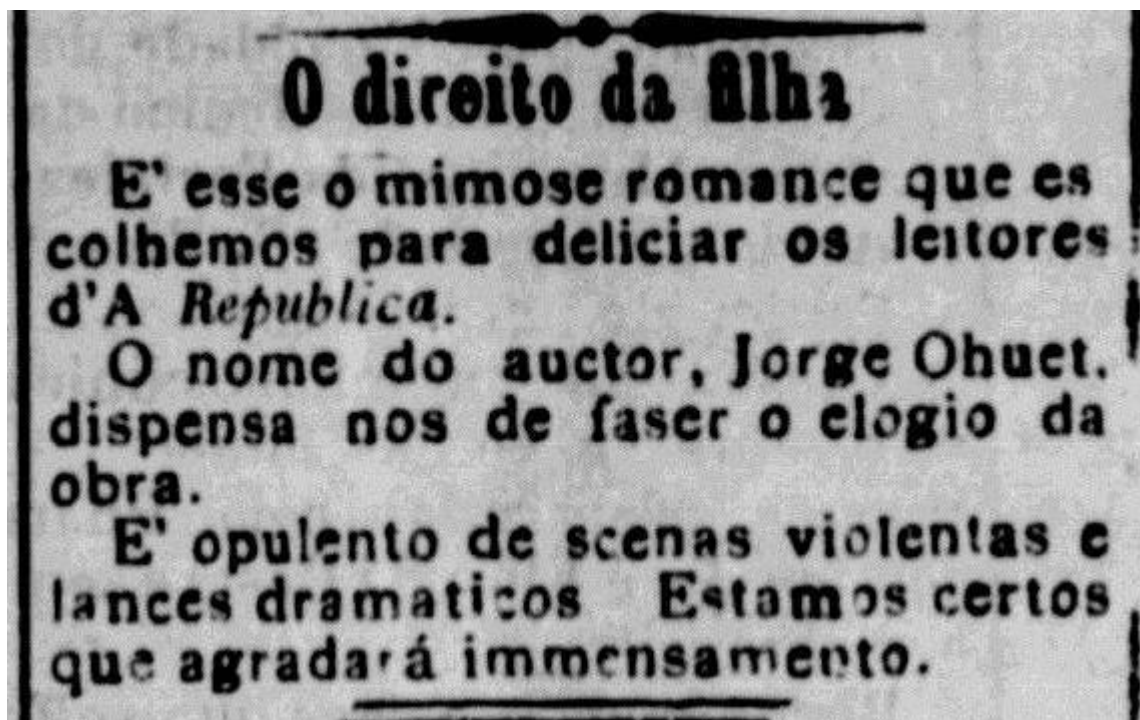
Figura 2: Quantidade de folhetins por região.

Quanto à obra de Ohnet em folhetins por estado, temos que a maior participação se divide entre Maranhão, Rio de Janeiro e Pará, hoje representantes das Regiões Nordeste, Sudeste e Norte, respectivamente. Assim, percebemos que a obra de Ohnet teve grande penetração nos jornais de todo o país, com ocorrências até mesmo na atual Região Centro-Oeste, muito antes da mudança da capital para Brasília, fato que só ocorreu no ano de 1960.

Estado	Quantidade de Folhetins
MA	11
RJ	11
PA	10
PE	6
CE	3
MG	3
AL	2
ES	2
PR	2
SP	2
GO	1
PB	1
BA	2
SC	1
MT	1
Total Geral	58

Figura 3: Quantidade de folhetins por estado.

Mas, além da importância quantitativa da obra de Ohnet em folhetim, pudemos apurar a apreciação do autor pelo público através do anúncio de folhetim abaixo, do periódico *A República*, do Ceará, publicado na primeira página do dia 23 de setembro de 1895 e que está entre tantos outros que elogiam o autor aos leitores dos jornais:



A República (CE), 23/09/1895, p. 1.

Este anúncio elevaria Ohnet ao patamar da fama de Alexandre Dumas no Brasil, se levarmos em conta o anúncio de livros de Dumas realizado pela Livraria Garnier no *Jornal do Commercio* de 15 de outubro de 1858, conforme mencionado por Maria Lúcia Dias Mendes em “Romances-folhetins sem fronteiras: o caso de Alexandre Dumas”: “o nome do autor dispensa todas as suas obras de todos os comentários possíveis; todos conhecem o magnetismo que se experimenta ao ler os romances de Alexandre Dumas, romances sempre cativantes” (MENDES in ABREU, 2016, p. 223)

4.2. Enredo e características da escrita de Ohnet

Além da incontestável presença de Georges Ohnet em folhetins em nosso país, como a obra desse autor se adequa ao romance popular, de modo a torná-lo tão conhecido no Brasil do século XIX e início do século XX? Quais as semelhanças entre o seu estilo e o romance idealista?

Citando as características do romance popular propostas por Daniel Couégnas, quanto à sua estrutura, temos que o romance popular, assim como o romance realista, precisa de uma “ilusão referencial”, para que o leitor esqueça o limite entre a ficção e realidade (COUÉGNAS, 2008, p. 40). É o que Lise Dumasy-Quéffelec chama de “dimensão referencial”, elemento que propicia a mescla entre o romanesco e o cotidiano do leitor, no intuito de tornar o romance mais atraente e, assim, gerar mais consumo (DUMASY-QUÉFFELEC in KALIFA et alii, 2011, p. 930).

No romance popular, segundo Couégnas, o leitor gosta de encontrar as mesmas situações, os mesmos tipos de personagens, as mesmas peripécias. É o que ainda acontece nos dias de hoje, com relação às novelas televisivas e certas séries, em que os tipos de personagem se repetem e, ainda assim, o público continua assistindo às diversas histórias que mudam apenas de cenário: a sensação de conforto gerada por conhecer de antemão o enredo é que o chamamos de familiaridade. Não é, no entanto, necessário que a trama remeta exatamente à realidade do leitor (o que seria impossível devido aos diferentes tipos existentes), mas a histórias anteriores às quais está habituado. Essa técnica é chamada de “intertextualidade da repetição”, ou seja, a partir da recorrência de personagens e enredos, conquista-se o leitor, que sabe que não será surpreendido por um final desagradável (COUÉGNAS, 2008, p. 40).

Também se destaca, quanto à estrutura do romance popular, a ausência do paratexto editorial (prefácios, posfácios, notas explicativas), que é como a embalagem de um produto comercial, elaborada em geral pelo editor para captar o leitor-consumidor de seu produto. Nas obras originais de Georges Ohnet no formato livro, tais paratextos inexistem, os volumes contêm apenas as histórias em si.

Temos ainda o tipo de linguagem em que a obra é escrita. Embora não seja mal escrito, isto é, não contenha erros gramaticais ou de sintaxe, o romance popular é conhecido por sua linguagem simples e de fácil entendimento para que haja maior probabilidade de venda, já que o texto poderia ser lido e entendido pelo maior número de pessoas, oriundas de camadas culturais diferentes. Seillan confirma a adequação de Ohnet a essa característica, evocando Adolphe Brisson (1860-1925), que analisou a linguagem de Ohnet como “mediocre e mediana” (BRISSEON apud SEILLAN, 2017, p. 9).

Além disso, encontramos a facilidade e a repetição também na construção dos personagens, pouco elaborados psicologicamente. Os bons, as vítimas, heróis ou vilões, são em geral personagens-alegoria do Bem e do Mal (COUÉGNAS, 2008, p. 41). O recurso a esse senso comum de virtude e vício desencadeia uma representação conservadora do mundo, talvez até reacionária, porém, com maior capacidade de agradar ao maior número de leitores. Quanto

a essa característica, vemos na obra de Ohnet a repetição de temas e estilos de personagens (nobreza falida ou burgueses bem-sucedidos), porém, os personagens concebidos por Ohnet também contam com uma certa dualidade, como Madame Desvarennnes, de *Serge Panine*, que mata o marido da filha por acreditar que ele estaria destruindo a vida da moça.

A obra *Serge Panine* conta a história de uma mulher da burguesia, Madame Desvarennnes, que fez fortuna a partir de sua perseverança e talento para os negócios. Ela tinha, apesar do seu sucesso financeiro, um sonho latente: queria ser mãe, mas não conseguia. Ao visitar uma mansão à venda, encontrou a órfã que lá morava. Comprou a casa e adotou a menina. Já preenchendo o seu coração com o amor de mãe, Madame Desvarennnes se tranquilizou e, assim, engravidou.

Quando sua filha nasceu, a menina que adotara decaiu para segundo plano. Havia uma clara preferência por parte de Madame Desvarennnes. Ela amava tanto Micheline, sua filha biológica, que tinha ciúmes até dos abraços que a menina dava em seu pai. Assim, ambas as filhas cresceram e Micheline decidiu casar-se com um príncipe russo, porém falido. Seu nome era Serge Panine, personagem que dá título ao livro. Essa união não foi bem aceita por sua mãe, em parte pela condição financeira do príncipe, em parte por ciúmes, o que levou Madame Desvarennnes a tentar impedir o casamento, sem sucesso.

Quando seu genro esgotou a maior parte do dote de sua filha e grande quantia de sua fortuna, Madame Desvarennnes decidiu resolver a situação, o que ocasionou uma terrível discussão entre eles. Madame Desvarennnes pôs fim à vida do príncipe. Ao entrar no quarto de Serge Panine, o delegado, acompanhado de Micheline, verificou que Madame Desvarennnes estava lá. Para o policial, parecia impensável que uma senhora tão distinta, íntegra nos negócios e bem-sucedida cometesse um assassinato, o que acarreta, nesse momento do enredo, uma surpresa para o leitor, que é indício dessa dualidade e profundidade por vezes vista em personagens do Ohnet. Assim, sem jamais pensar que Madame Desvarennnes fosse a autora do crime, o delegado pediu imediatamente que ela levasse a sua filha daquela grotesca cena de suicídio.

A partir das características do romance popular, levantadas acima, também tomaremos para análise uma das obras mais publicadas em folhetim no Brasil, *A Alma de Pedro* (1890), que consideramos bem representativa do *modus operandi* de Ohnet.

Esse romance começa com um médico russo, o Dr. Davidoff, relatando um caso em que um homem doa a sua alma, por meio de um feitiço, em prol de sua amada, que estava doente. O pintor Pedro Laurier, personagem principal e seu amigo adoentado, Jacques de Vignes, estavam presentes quando a história foi contada. Mais tarde, após um desentendimento com a

atriz Clémence Villa, sua namorada, em que a atriz afirma estar apaixonada por seu amigo Jacques, Pedro resolve passear pelo litoral. Então, o pintor invoca o invisível e oferece sua alma a seu amigo, Jacques, na esperança de, por meio dele, continuar a viver o amor de Clémence. Após a invocação, Pedro tem uma alucinação e decide se lançar ao mar. Porém, avista um homem que se afogava, se lança ao mar, em direção à morte, mas de forma mais honrosa: seu último ato seria o de salvar alguém. Ao ajudar o naufrago, Pedro é também salvo por seus companheiros. O pintor fracassa assim em seu plano de morrer e aceita a ideia de acompanhar esses marinheiros à Itália, onde será acolhido pela família do homem que resgatou. Restabelecido, Jacques conhece Clémence em um baile de máscaras e com ela inicia um intenso romance, tão tóxico quanto o que ela mantinha com Pedro. Na Itália, Pedro vive uma nova vida, incógnito. Até o dia em que Davidoff visita a cidade em que ele estava e vê uma pintura sua em uma igreja da região. O médico deixa um recado para ele, eles se encontram e Pedro decide voltar para casa. Ao reencontrar o pintor, Jacques começa imediatamente a se sentir mal e, depois de poucos dias, falece.

Nessa obra, Ohnet faz uso de nomes de lugares reais na Itália e na França, porém com o objetivo de capturar o leitor para o seu mundo ficcional. Os temas são familiares, falando sobre a vida da aristocracia e da burguesia, como Ohnet também aborda em outros romances, como *La Grande Marnière*, *Le Maître de Forges* e *Serge Panine*. Além disso, a linguagem proposta por Ohnet em suas obras é de caráter simples, de modo a abranger a maior parte dos leitores, em vez de ser compreendida somente pelas elites. Estes são alguns dos atributos que ajudariam a encaixar Georges Ohnet no âmbito do romance popular, embora haja alguns outros fatores que o enquadrem igualmente no romance idealista (SEILLAN, 2011, p. 22), que, de acordo com Ferdinand de Brunetière, se caracteriza pela expressão de opinião (ideia), pois escolhe o que julga ou não virtuoso, embelezando a realidade. Este movimento se baseia na noção de que a arte deve ser bela, já que é feita para agradar aos sentidos de quem dela usufrui, enquanto o naturalismo apenas apresenta o fato e tenta ser o mais imparcial possível (BRUNETIÈRE, 1885, p. 217).

Assim, apesar da semelhança de características entre a obra de Ohnet e o romance popular, Jean-Marie Seillan também o aproxima do romance idealista, no qual acredita haver cinco características principais. A primeira corresponde ao fato de apresentar uma ideia, ao contrário do naturalismo, que apresentava fatos. Ou seja, os romancistas idealistas propõem opiniões acerca dos assuntos tratados em suas obras, enquanto o escritor naturalista tenta ser o mais impessoal possível em sua narrativa, ainda que a escolha da ordem dos fatos narrados possa denotar uma leitura da realidade e, quem sabe, até uma declaração de opinião. O excesso

de apreciações sobre os personagens exprime essa característica idealista; por exemplo, em *Serge Panine*, o narrador diz que o personagem Madame Desvarennnes parecia “a imagem viva da perseverança”.

Ser idealista também pressupõe empregar uma estética ideal, que parte de um embelezamento físico, social e moral, o que também é verdade em Ohnet, que geralmente escolhe a imagem da mulher forte e virtuosa (Hélène de *Volonté*), ou do burguês que depois de muito trabalhar se tornou bem-sucedido (*Le Maître de Forges* e *La Grande Marnière*).

A terceira característica do idealismo corresponde à antítese ao materialismo, a aceitação da existência do “sobrenatural e do irracional”, traços que vemos, em *L'Âme de Pierre*, em que o personagem principal tenta se matar para doar sua alma ao amigo doente que se cura milagrosamente após o seu desaparecimento, mas morre quando ele reaparece. Além disso, o romance idealista, de acordo com Seillan, denota uma certa neutralidade política, e, de certa forma, um certo conservadorismo, expressos na obra de Ohnet na escolha de personagens majoritariamente nobres ou burgueses bem-sucedidos, como *Le Maître de Forges*.

A última característica que Seillan propõe é o anacronismo intrínseco ao idealismo, devido à recusa das rupturas e à manutenção de temas romanescos, do qual Ohnet também é exemplo, tendo sido criticado por muitos ao manter esses temas em meio à ascensão do naturalismo, como é o caso de *La Grande Marnière*, que retoma o tema de *Le Maître de Forges*.

Desse ponto de vista, a obra de Ohnet se adequa ao conceito de idealismo, principalmente se levamos em conta sua temática, em sua maioria retratos da burguesia em ascensão e da nobreza falida, sofrendo intervenção dos assuntos de seu momento histórico, sem necessariamente abordá-los de forma política. É uma estratégia para fazer o leitor se identificar com o enredo, mas de forma conservadora, evitando manchar a “indústria do sonho” (COUÉGNAS, 2008, p. 48) e mantendo o caráter idealista, por escolher a abordagem da virtude. Esses temas têm contato com a literatura popular e, talvez por isso, as obras e folhetins de Ohnet fossem por vezes anunciados em apelo direto às “senhoras”, em contraponto à literatura naturalista, anunciada nos jornais ao lado de livros vistos como pornográficos como “Livros para homens” (MENDES, 2016, p. 175).

De todo modo, o que os dados sobre os folhetins de Ohnet no Brasil nos trazem é que a sua popularidade se confirma tanto pela quantidade de romances-folhetim como pela escassez de material crítico sobre suas obras, ainda que tenha sido tão extensa e apareça em diversos suportes.

5. CONCLUSÃO

Os fatores estruturais da escrita de Ohnet explicariam seu sucesso e a abrangência de sua obra, publicada em folhetins em várias regiões do Brasil, adaptada para o teatro e cinema, e vendida em volumes traduzidos ou em seu original. A popularidade do autor se deve, principalmente, à sua associação a esse tipo de literatura simples e de fácil compreensão, baseada na repetição que traz o conforto do reconhecimento ao leitor. Sua obra pôde ser vastamente disseminada nos periódicos brasileiros, devido à sua capacidade de agradar a todos os públicos, letrados ou leigos.

Certamente, Georges Ohnet foi um grande sucesso de publicação em jornais brasileiros, a tomar pelos resultados que obtivemos. A existência de poucas críticas sobre sua obra são indicativos de sua filiação ao romance popular, ainda que também possuía características idealistas. Sua popularidade e a abundância de folhetins nos mostram o quanto sua obra era apreciada pelo público e, conseqüentemente, nos faz pensar na lucratividade gerada pelos folhetins para os periódicos, que optavam por publicar Ohnet nos rodapés de seus jornais, a despeito do desdém da parte dos críticos literários pelo autor.

O fato de ser tão recorrente em periódicos brasileiros, tanto em folhetins como em anúncios de livros (no original e em traduções), peças e filmes (estes na década de 1910), surge como um indício da grande popularidade do autor no país e aponta para a necessidade de estudo sobre ele, não necessariamente para julgar o seu valor literário, mas porque se torna impossível contornar o êxito editorial de sua obra. Ohnet é hoje um escritor ainda esquecido pela História Literária, mesmo na França, que não considera a totalidade da produção daquele período, enxergando somente os movimentos vistos como alta literatura. O apagamento das literaturas populares e/ou idealistas, que faziam parte do cotidiano do público leitor e constituíam as lutas simbólicas travadas no campo literário, é o que tentamos evitar com este estudo.

Nesta pesquisa, para melhor compreender o consumo literário e as preferências do leitorado brasileiro daquele período, para o qual a literatura francesa era leitura frequente, destacamos a necessidade de contemplar o êxito de Georges Ohnet, cuja escrita sobre o sucesso burguês, acreditamos, teve grande participação na formação do campo literário brasileiro no período em questão.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. A Circulação Transatlântica dos Impressos: A Globalização da Cultura no Século XIX. In: *Livro - revista do núcleo de estudos do livro e da edição*. Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo. 2011, p. 115-130.

ALBALAT, Antoine. *Le mal d'écrire et le roman contemporain*. Paris : Ernest Flammarion, 1895.

ARTIAGA, Loïc. Lu, critiqué, consommé : le roman populaire et ses lecteurs. In: ARTIAGA, Loïc. *Le roman populaire*. Autrement, 2008, p. 117-135.

BAGULEY, D. *Le Naturalisme et ses genres*. Paris: Nathan, 1995.

BESSARD-BANQUY, Olivier. La maison Ollendorff : Splendeurs et misères d'une grande maison littéraire au tournant des XIX^e et XX^e siècles. *Revue française d'histoire du livre*, Genève: Droz, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Le champ littéraire. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 89, n. 1, p. 3-46, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art*. Paris: Seuil, 1992.

BRASIL, Bruno. Il Pasquino Coloniale. *Hemeroteca Digital Brasileira*, 2015. Disponível em: < <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/il-pasquino-coloniale/> > . Acesso em: 12 out. 2021

BRUNETIÈRE, Ferdinand. L'Idéalisme dans le roman. *Revue des Deux Mondes*. Paris, v. 69, p. 215-225, 1885.

CASANOVA, Pascale. Consécration et accumulation de capital littéraire. La traduction comme échange inégal. *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 144, no. 4, p. 7-20, 2002.

CASTRO, João Francisco Viveiros de. O Segredo de Jorge Ohnet. In: *Ideias e Fantasias*. Rio de Janeiro: Cunha & Irmão Editores, 1895, p. 163-173.

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. Circulação e Permanência da Literatura Naturalista Francesa no Brasil (1850-1914). In: ABREU, Márcia (org.). *Romances em movimento: A Circulação Transatlântica dos Impressos (1789-1914)*. Campinas: UNICAMP, 2016a, p. 307-335.

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. Circulation and Permanence of French Naturalist Literature in Brazil. *Excavatio* : XXVII, 1-21, 2016b.
<<https://sites.ualberta.ca/~aizen/excavatio/articles/v27/PedroPauloGARCIAFERREIRACATHARINA.pdf>>

CATHARINA, P. P. G. F.; SILVA, M. B.; SANTOS, R. R. "A Coleção Econômica da Livraria Laemmert: do romance popular ao romance psicológico". In: NOGUEIRA, Luciana Persice.

(Org.). *Literaturas Francófonas III: debates interdisciplinares e comparatistas*. 1ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2019, v. III, p. 381-406.

CHAUVIRÉ, Christiane ; FONTAINE, Olivier. *Le Vocabulaire de Bourdieu*. Paris: Ellipses, 2003.

COMPÈRE, Daniel. *Les romans populaires*. Paris : Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2011.

COUÉGNAS, Daniel. Qu'est-ce que le roman populaire? In : ARTIAGA, Loïc. *Le roman populaire*. Paris : Autrement, 2008, p. 35-53.

DUFIEF, Pierre-Jean. Paul Bourget. In: BECKER, Colette & DUFIEF, Pierre-Jean (dir.). *Dictionnaire des Naturalismes*. Paris: Honoré Champion, 2017, p. 144-146.

DUMASY-QUÉFFELEC, Lise. Le feuilleton. In : KALIFA, Dominique, RÉGNIER, Philippe, THÉRENTY, Marie-Ève, VAILLANT, Alain. *La civilisation du journal: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Nouveau monde, 2011.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FRANCE, Anatole. *La Vie littéraire. 2^e série*. Paris: Calmann-Lévy, 1890.

GRANJA, Lúcia; JUNIOR, Odair Dutra Santana. Aquém e além-mar: agentes, textos e estratégias na publicação de romances-folhetim do Jornal do Commercio (1827-1863). *interFACES*, vol. 28, no 1, p. 31-46, 2018.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios: 1875-1924*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KALIFA, Dominique, RÉGNIER, Philippe, THÉRENTY, Marie-Ève, VAILLANT, Alain. *La civilisation du journal: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Nouveau monde, 2011.

LEMAÎTRE, Jules. *Les contemporains; études et portraits littéraires: Première série, 1884 et 1885*. Paris: Lecène et Oudin, 1885.

LEMAÎTRE, Jules. *Impressions de théâtre : deuxième série*. Paris : Lecène, Oudin et Cie, 1888

LILTI, Antoine. *Figures publiques: l'invention de la célébrité (1750-1850)*. Paris : Fayard, 2014.

LITERATURA DIGITAL. Autores. Visconti Coaracy. [S.l.: s.n.], [19--?]. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=10737>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

MENDES, Leonardo. Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. *Cadernos do IL*, n. 53, p. 173-191, 2016.

MENDES, Maria Lúcia Dias. Romances-folhetins sem fronteiras: o caso e Alexandre Dumas. In: ABREU, Márcia (org.). *Romances em movimento: A Circulação Transatlântica dos Impressos (1789-1914)*. Campinas: UNICAMP, 2016, p. 233-253.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOLLIER, Jean-Yves. As origens do romance-folhetim: do espaço textual ao recorte de uma obra de ficção. *Alea: Estudos Neolatinos*, vol. 20, p. 17-36, 2018.

MOLLIER, Jean-Yves. Le Capitalisme à l'assaut du livre populaire. In: ARTIAGA, Loïc. *Le Roman populaire*. Paris: Autrement, 2008, p. 17-33.

MUSNIK, Roger. Georges Ohnet (1848-1918) : *Romanciers populaires du XIX^e siècle*. 2017. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/blog/15092017/georges-ohnet-1848-1918>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. De la littérature industrielle. *Revue des Deux Mondes*, Paris, tomo 19, p. 675-691, 1 set. 1839.

SAPIRO, Gisèle. *Sociologia da literatura*. Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019.

SEILLAN, Jean-Marie. *Le Roman idéaliste dans le second XIX^e siècle*. Paris : Classiques Garnier, 2011.

SEILLAN, Jean-Marie. Un genre de roman ni trop haut ni trop bas: Georges Ohnet et la littérature moyenne. *Belphégor. Littérature populaire et culture médiatique*, 2017, n. 15-2.

ZOLA, Émile. *Les romanciers naturalistes* : Balzac, Stendhal, Gustave Flaubert, Edmond et Jules de Goncourt, Alphonse Daudet, les romanciers contemporains. Paris : Charpentier, 1881, p. 333-387.